o trabalho e o amor: dois paradigmas da clínica psicanalítica

EDUARDO GARCIA DUPONT

DA SÉRIE DE IDÉIAS ALUSIVAS AO TRATAMENTO postuladas por Freud, como tornar consciente o inconsciente; onde estava Isso, o eu deve advir; a possibilidade de chegar ao juízo oposto ou de condenação; o processo de perlaboração; não negar a realidade, como a neurose, mas esforçar-se para transformá-la, como a psicose, em um trabalho sobre o mundo externo; a possibilidade de sublimação como destino da pulsão, sem recalque e tantas outras que poderíamos citar ou conjeturar, tomarei aquela referida ao patognomônico da neurose, como a inibição para amar e trabalhar, capacidades coartadas por fixações infantis, considerando o tratamento um processo que reintegraria essas duas capacidades.

Em primeiro lugar, tomarei por base dois textos freudianos: Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor[1] e Um distúrbio de memória na Acrópole[2].

No primeiro, com referência ao amor, o mestre vienense considera que há uma degradação "geral" (lemos estrutural) como conseqüência de se conjugar a lógica edípica, manifestando-se em ambos os sexos uma clivagem entre a corrente terna e a corrente sensual. Produz-se, então, uma disjunção entre enamoramento e desejo: "se se ama, não se deseja, e vice-versa".

No varão, isso acarreta a dicotomia mãe/puta, verificável na ilusória crença masculina de que "todas as mulheres são putas, menos a mãe, a irmã e a noiva, logo, a esposa". Não obstante, mãe/puta pertencem ao mesmo complexo materno, pois, como afirma Freud, no inconsciente não há inscrição de vagina, o que coincide com a afirmação lacaniana de que "A Mulher não existe" como significante universal e cultural. Portanto, o feminino é um enigma para ambos os sexos. Na melhor das hipóteses, a mulher se inscreve no inconsciente como puta ou como mãe. O problema dessa lógica é a disjunção, o "ou". Essa é a razão estrutural pela qual pouquíssimos varões podem estar com uma mulher "de puta mãe", como indica o bom dito espanhol, no sentido de que poucos podem estar à altura de bancar uma mulher desejante. Dito de outro modo, poucos

[1] Freud. La degradación general de la vida erótica (1912/1973).

[2] Freud. Carta a Romain Rollan: Un trastorno de la memoria en la Acrópolis (1936/1973).

podem suportar o desejo de uma mulher que evoca o enigmático do desejo do Outro "sexo".

Na mulher, afirma Freud, essa degradação se manifesta como "a condição do segredo", isto é, as mulheres necessitam de relações "ilícitas", reais ou fantasmáticas, para conservar o desejo. Trata-se da clivagem entre o pai protetor, herdeiro por transferência da mãe nutriz, e o amante passional, tão bem ilustrado no filme *Dona Flor e seus dois maridos.*

Outra opção do varão é a do "terceiro excluído"[3], quando necessita da presença de outro homem que ocupe o lugar de "marido oficial", o que revela o triunfo secreto sobre o pai e, ao mesmo tempo, sua sustentação. Ou, na mulher, sobretudo em certas modalidades de histeria, a necessidade da presença da "Outra"[4], que possa ser a detentora do saber sobre a feminilidade, por não suportar o lugar que reclama manifestamente – o da única, excepcional, exclusiva, fora de série – e, no nível inconsciente, negar-se a ocupar o lugar do objeto causa de desejo de um homem.

Em um Lacan bastante avançado em sua obra, na mesma direção e obedecendo à mesma lógica, encontramos duas afirmações coincidentes com o espírito freudiano. A primeira é "O homem é um estrago para a mulher"[5], o que evoca o estrago da relação mãe–filha e coincide com a idéia freudiana de repetição, na relação da mulher com o homem, de seu primeiro vínculo com a mãe[6].

A segunda, "A mulher é um sintoma para o homem"[7] ou "a verdade do homem"[8]. Aqui, é preciso ler sintoma em suas duas acepções: a clássica, evocando seu estatuto de formação do compromisso, ou formação do inconsciente, conflito, transação, formação substitutiva, metáfora, padecimento etc., e *sinthomé*[9], quarto nó que amarra os registros e cumpre a função estabilizadora de um dos "Nomes do Pai", detectável no dizer popular "Nessa casa, a patroa é quem manda". Mais exatamente, um tipo de padrão normatizante do gozo.

Notas do pentagrama amoroso, somente legíveis na clave edípica, qual clave de sol que regula todas as variantes. Variantes de uma questão única e fundamental que Freud sintetiza brilhantemente em um tipo de frase que indica uma possibilidade de cura no horizonte, e que proponho escutarmos em sentido genérico: "Para que o homem seja verdadeiramente livre, e com isso quero dizer verdadeiramente feliz em sua vida erótica, tem de vencer o horror do incesto"[10].

Talvez por isso, como a sabedoria popular uma vez mais nos ensina e matando dois coelhos de uma só cajadada, ouçamos

[3] Freud. Sobre un tipo especial de elección de objeto en el hombre (1910/1973)

[4] Lacan. Intervención sobre la transferencia (1952/1980), La pregunta histérica (1955-1956/1974) e ¿Qué es ser una mujer? (1955-1956/1974)

[5] Lacan. Joice, el síntoma (1975)

[6] Freud. La degradación general de la vida erótica (*op. cit.*)

[7] Lacan. *El seminário: R.S.I. (1974-1975)* (Inédito)

[8] Lacan. *El seminário. ... o peor (1971-1972)* (Inédito)

[9] Lacan. Joice, el síntoma (*op.cit.*)

[10] Freud. La degradación general de la vida erótica (*op. cit.*).

dizer que muitas prostitutas costumam chamar seus freqüentadores de "neném" ou "paizinho".

Concluímos que, embora a lógica edípica nos constitua, também nos dificulta e inibe a possibilidade de amar.

No plano da inibição do trabalho, e temos de estar não só empregados e assalariados, mas fundamentalmente desfrutar com o trabalho e a produção – como dizia Facundo Cabral em seus recitais: "o que não trabalha no que ama é um desocupado" –, o texto que nos pode ajudar é o segundo: Um distúrbio de memória na Acrópole.[11]

Nesse texto, Freud relata suas dificuldades para realizar uma viagem a Atenas, viagem que seu pai desejava muito e jamais pôde realizar. Na conclusão, em uma espécie de exercício de auto-análise, ainda que sempre esteja em jogo a dimensão do Outro (nesse caso trata-se de uma carta endereçada a Romain Rolland), Freud fala da dificuldade resultante de ir "além dos limites do pai", postulando que ali, na possibilidade desse ir "além", encontra-se a clave do êxito pessoal.

Lembremos o postulado de Lacan: ao que se herda de um pai, seus pecados, suas faltas, acrescentamos, e carregamos tudo como nossa cruz.[12]

Assim, no que se refere às duas inibições, temos duas fórmulas freudianas como esperança de cura no horizonte: no plano do amor, "vencer o horror ao incesto[13]; no plano do êxito, que lemos no plano do labor, da profissão etc., "ir além dos limites do pai"[14].

Nesse sentido, escutemos a seguinte estrofe do poeta Silvio Rodriguez, em Pequena serenata diurna: "Sou feliz, sou um homem feliz/ e quero que me perdoem/ por esse dia/ os mortos de minha felicidade".[15]

Na direção do que vimos desenvolvendo, Colette Soler, no seminário intitulado *Finais de análise*[16], sustenta que a neurose é uma enfermidade da demanda e do saber. O neurótico demanda o amor do Outro para ser, e supõe o saber no Outro – propondo mostrar a diferença entre o incurável da divisão subjetiva e a cura da neurose.

Para pensar essa questão, valho-me das operações de alienação e separação do ensino de Lacan, formuladas no seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*[17] e no escrito *Posição do inconsciente*[18].

A alienação é entre o ser e o sentido, produzindo na neurose uma escolha forçada do sentido, padecendo da falta de ser, e na psicose, por não se consolidar a operação de alienação, estabelece-se uma direção para o ser, um ser petrificado que padece de insensa-

[11] Freud. Carta a Romain Rollan: Un trastorno de la memoria en la Acrópolis (*op. cit.*).

[12] Lacan. Poesia y verdad: el mito individual del neurótico (1953/1985)

[13] Freud. La degradación general de la vida erótica (*op. cit.*).

[14] Freud. Carta a Romain Rollan: Un trastorno de la memoria en la Acrópolis (*op. cit.*).

[15] N. do T. Pequeña serenata diurna: Soy feliz, soy un hombre feliz/ y quiero que perdonen/ por este dia/ los muertos de mi felicidad.

[16] Soler. Finales de análisis (1995)

[17] Lacan. *El seminário – libro 11: Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis (1963-1964)* (1977).

[18] Lacan. Posición del inconsciente (1966).

tez. No seminário *A lógica da fantasia*[19], Lacan propõe um quadrângulo que nos permite situar o movimento da operação de alienação. Ali as opções se estabelecem em termos de não penso ou não sou. A escolha forçada é pelo não penso, em que se situam o Isso freudiano e o objeto *a* lacaniano em seu estatuto de gozo a mais. Mediante a operação verdade e transferência, há um segundo movimento para o não sou, em que se situam o inconsciente freudiano e o objeto *a* lacaniano operando como -φ, isto é, falta e causa.

Portanto, o primeiro movimento da alienação supõe o efeito de falta do sujeito, *fading*, afânise. Alienação no significante binário caído sob o recalque primário. A alienação fica no S_2, no sentido. Para suprir esse efeito de falta, o sujeito se identifica com o objeto causa de desejo do Outro, e essa posição lhe outorga um *pseudoself*. Para Lacan, o *self* é sempre falso, pois sua consistência é a de um objeto postiço, com que o sujeito se identifica para sustentar, ao mesmo tempo, o Outro.[20]

Como podem perceber, estamos pensando na operação de alienação e sua relação com a constituição da fantasia.

Se articularmos essa operação de alienação com os temas que vimos trabalhando, entendemos de maneira lógica e precisa o que Freud quis dizer ao situar a causa das inibições no plano do amor e no plano do trabalho em "fixações infantis". Para além da lógica edipiana, para além do pai, HÁ A LINGUAGEM. Assim, as "fixações infantis" coincidem com a operação de alienação, constitutiva de todo sujeito neurótico, e é essa operação que provoca a inibição nas duas capacidades:

a) No amor, o sujeito, estando identificado com o objeto causa de desejo do Outro, em realidade está mais submetido às vicissitudes da demanda de amor ao Outro para ser, que à possibilidade de amar. Isso nos evoca a afirmação lacaniana de que "o amor é contingente"[21], à qual acrescentamos: o problema é que o neurótico pretende fazê-lo necessário.
b) No nível do trabalho com satisfação: o sujeito, estando alienado ao sentido, supõe o saber ao Outro. O Outro, ilusoriamente, terá o significante que lhe falta para lhe restituir o ser. O que estruturalmente o torna apto para uma análise, e por conseqüência para o funcionamento no dispositivo do sujeito suposto saber[22], mas o inibe para a produção, a criação e, além disso, para a invenção, já que o Outro é o que sabe.

Para concluir, e aceitando o desafio lançado por Freud, considero que devolver (e a essa altura poderíamos substituir o significante *devolver* por *adquirir*) a capacidade de amar e trabalhar está relacionado com a operação de separação, se-

[19] Lacan. *El seminário: La lógica del fantasma (1966-1967)* (Inédito)

[20] Rabinovitch. *El deseo del psicoanalista: determinación y libertad* (1998)

[21] Lacan. *El seminário – libro 20: Encore (1972-1973)* (1980)

[22] Lacan. *El seminário – libro 11: Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis (1963-1964)* (*op. cit.*).

gundo passo lógico de um tratamento analítico. Pois esses passos lógicos constitutivos da subjetividade são reeditados no devir de uma análise, o que coincide com a afirmação freudiana, que o concebe como uma espécie de "segundo nascimento".[23]

Dissemos que o primeiro passo lógico é o da Falta do sujeito, solidário com a operação de alienação. O segundo será o da Perda do sujeito como objeto causa de desejo do Outro. Perda que implicará uma decisão ética pela qual cada um será o único responsável, adquirindo o grau de liberdade possível a que o trabalho analítico conduz, e que Lacan formula nos seguintes termos: "se o sujeito quer o que deseja"[24]. Se ele escolhe perder o lugar de objeto causa de desejo do Outro, temos duas conseqüências: torna-se incompleta a ilusória consistência do Outro e o pseudo-ser tropeça, processo que não se dá sem o atravessamento do que proponho considerar a angústia mais radical e talvez o mais desolador desamparo, que evoca o *Hilflösigkeit* [desamparo originário][25] mencionado por Freud. Somente então, em conseqüência dessa operação de separação, chega-se ao terceiro passo lógico: a Causa de desejo, com o sujeito passando por fim da posição de amado (demanda de amor) à de amante (possibilidade de amar) contingente. Deixando de supor o saber do Outro, passando pela destituição subjetiva à criação e, mais além, por que não?, à invenção. Passando da alienação ao sentido, à separação e à liberdade do sem sentido. Como escreveu Homero Expósito no estribilho de seu tango *Naranjo em flor*, que podemos escutar talvez como metáfora do curso de uma análise: "Primeiro há que saber sofrer/ depois amar,/ depois partir,/ e no fim andar sem pensamentos"[26].

Esses passos lógicos, Falta, Perda e Causa, foram excelentemente desenvolvidos por Diana Rabinovitch em seu livro *O desejo do analista: determinação e liberdade*.[27]

Por fim, quero esvaziar de todo propósito ideal as duas questões, pois não se trata da banalidade de que o sujeito enfim desfrute de um trabalho adaptado a uma proposta neoliberal de produção, e nem que forme uma família feliz, uma espécie de *yuppie* com futuro promissor para formar uma família *ingals*, ao modo do *american way of life*. Ou seja, um sujeito fálico por excelência, mas também "genital e maduramente adaptado". Parece-me que, mais uma vez, podemos perceber a sabedoria freudiana desenvolvendo, com sua precisão habitual, os pontos de alienação da neurose, tão bem resumidos em sua frase axiomática: "Onde estava Isso, o Eu deve advir"[28], que foi um divisor de águas entre a teoria e suas conseqüências clínicas. Por um lado, a clínica americana, a *ego psycology*, com seu suposto fortale-

[23] Freud. Escritos técnicos (1897/1973).

[24] Lacan. Posición del inconsciente (*op. cit.*).

[25] Freud. Proyecto de psicologia para neurólogos (1895/1973).

[26] N. do T. "Primero hay que saber sufrir/ después amar,/ después partir,/ y al fin andar sin pensamientos".

[27] Rabinovitch. *El deseo del psicoanalista: determinación y libertad* (*op. cit.*).

[28] Freud. El yo y el ello (1923/1973)

cimento do eu à moda de Rambo ou Terminator; por outro, a clínica lacaniana, com sua proposta de modificar o conceito de eu, trocando-o pelo de sujeito: "Onde estava Isso, o sujeito deve advir". Operação inversa, posto que o eu advém por identificação, isto é, por su(a-)gestão, a gestão do terapeuta, xamã, hipnotizador, e o sujeito advém no confronto com a castração.

Para além de todo ideal, será muito se conseguirmos que, onde estava Isso – o desejo do Outro e o sujeito como objeto sustentando-o, rebaixando o desejo à demanda –, advenha um sujeito que possa escolher e, talvez, mediante a operação de separação, devir amante, ou seja, nem mais nem menos que desejante, para além dos rumos e horizontes do desejo de cada um.

Quero finalizar com algumas citações do livro de Colette Soler, *A maldição do sexo*[29], no qual ela faz um excelente diagnóstico da situação atual e mostra certa esperança bem informada sobre o porvir:

[29] Soler. *La maldición delsexo* (2000)

> Minha tese é que já não temos mitos do amor. Os amores míticos, paradigmáticos, que se produziram no passado, estão mortos para nós. Já não temos o amor homossexual à antiga... uma forma, uma figura que une o homem maduro ao adolescente em uma relação que é também educativa, pedagógica, iniciática. Já não temos o amor cortês, essa grande invenção da literatura de uma época. E se há algo que se produz em uma cena é, sem dúvida, o amor cortês. Já não temos o amor precioso, das preciosas do século XIX, que é certamente uma variante, um eco longínquo do amor cortês; o ponto comum é que ambos jogam com o adiamento do encontro no fim... Do amor divino, tampouco falamos mais. Continuam havendo crentes, mas também já não os temos em suas formas paradigmáticas dos séculos passados, quando podiam motivar a afronta a tantas vidas. E já não temos o amor glorioso dos clássicos. [...] e já não temos paradigma do Ideal do amor, nem do Ideal do Outro. Sem dúvida, ainda temos amores, no plural, e meu diagnóstico é este: temos amores sem modelos. Amores sem modelos, algo novo na história. Todas as parcelas da história estudada tinham seus modelos.
>
> Não temos mais modelos do amor, e pode-se pensar que isso talvez seja algo afortunado porque podemos inventá-los, caso a caso. Os

> amores sem modelos são amores à mercê dos encontros... agora o amor está à mercê do acaso.

O propósito deste trabalho, em consonância com esse diagnóstico, é pensar as condições para a produção desses encontros, e não só para que fiquem livres à mercê do acaso, sem desconhecer o estatuto contingente de todo encontro. No que se refere a desfrutar do trabalho, da criação e da invenção, a possibilidade de algum deslocamento da mais generalizada depressão que habita os países subdesenvolvidos, porque, se a realidade é a fantasia, é possível que se cumpra a crença desesperançada de impossibilidade de ação.

Lembro aqui um diálogo zen entre um mestre e seu discípulo:

> Discípulo: – Mestre, você acredita na sorte?
> Mestre: – Acredito.

Mais uma vez, proponho finalizar com os poetas que, com tanta beleza, condensam o que tentamos mostrar e demonstrar teoricamente. Escutemos as palavras de Eduardo Galeano, a relação entre vencer o horror ao incesto, a castração, a liberdade, o gozo, a entrega, a morte, enfim, a possibilidade de permitirmos algo mais que apenas durar: viver.

> A pequena morte[30]
>
> Não nos sorri o amor quando chega ao mais fundo da viagem, ao mais alto do seu vôo: no mais fundo, no mais alto, nos arranca gemidos e queixumes, vozes de dor, ainda que jubilosa dor, o que pensando bem nada tem de estranho, porque nascer é uma alegria que dói. Pequena morte, chamam de França a culminação do abraço que rasgando-nos nos une, e perdendo-nos nos encontra, e acabando-nos nos começa. Pequena morte, a chamam; grande, porém, muito grande há de ser, se matando-nos nos nasce.
>
> Tradução: Angela Lobo de Andrade

[30] N. do T. La pequeña muerte. No nos risa el amor cuando llega a lo más hondo de su viaje, a lo más alto de su vuelo: en lo más hondo, en lo más alto, nos arranca gemidos e quejidos, voces de dolor, aunque sea jubiloso dolor, lo que pensándolo bien nada tiene de raro, porque nacer es una alegría que duele. Pequeña muerte, llaman de Francia a la culminación del abrazo, que rompiéndonos nos junta y perdiéndonos nos encuentra y acabándonos nos empieza. Pequeña muerte, la llaman; pero grande, muy grande hay de ser, si matándonos nos nace (Galeano. *El libro de los abrazos* [1989]).

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. (1895) Proyecto de psicología para neurólogos. In: *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. Tomo I.

FREUD, Sigmund. (1897) Escritos técnicos. In: *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. Tomo II.

FREUD, Sigmund. (1910) Sobre un tipo especial de elección de objeto en el hombre. In: *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. Tomo II.

FREUD, Sigmund. (1912) La degradación general de la vida erótica. In: *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. Tomo II.

FREUD, Sigmund. (1923) El yo y el ello. In: *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. Tomo III.

FREUD, Sigmund. (1931) Sobre sexualidad femenina. In: *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. Tomo III.

FREUD, Sigmund. (1936) Carta a Roman Rollan: Un trastorno de la memoria en la Acrópolis. In: *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. Tomo III.

GALEANO, Eduardo. "El libro de los abrazos". Buenos Aires: Siglo XXI, 1989.

LACAN, Jacques. (1952) Intervención sobre la transferencia. In: *Escritos*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1980.

LACAN, Jacques. (1953) Poesía y verdad: El mito individual del neurótico. In: *Intervenciones y textos*. Buenos Aires: Manantial, 1985.

LACAN, Jacques. La pregunta histérica. In: *El seminario – libro 3: La psicosis (1955-1956)*. Buenos Aires: Paidos, 1974.

LACAN, Jacques. ¿Qué es ser una mujer?". In: *El seminario – libro 3: La psicosis (1955-1956)*. Buenos Aires: Paidos, 1974.

LACAN, Jacques. *El seminario – libro 11: Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis (1963-1964)*. Buenos Aires: Paidos, 1977.

LACAN, Jacques. (1966) Posición del inconsciente. In: *Escritos*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1980.

LACAN, Jacques. *El seminario: La lógica del fantasma (1966-1967)*. Inédito.

LACAN, Jacques. *El seminario: ... o peor (1971-1972)*. Inédito.

LACAN, Jacques. *El seminario – libro 20: Encore (1972-1973)*. Buenos Aires: Paidos, 1980.

LACAN, Jacques. *El seminario: R.S.I. (1974-1975)*. Inédito.

LACAN, Jacques. Joyce, el síntoma. In: *El seminario – libro 23: El sinthoma (1975)*. Inédito.

RABINOVICH, Diana. *El deseo del psicoanalista: determinación y libertad*. Buenos Aires: Manantial, 1998.

SOLER, Colette. *Finales de análisis*. Buenos Aires: Manantial, 1995.

SOLER, Colette. *La maldición del sexo*. Buenos Aires: Manantial, 2000.

resumo

De Freud, o autor recolhe a assertiva de que o sujeito na neurose procura o tratamento psicanalítico quando perde a capacidade de amar e trabalhar, causa de diversas inibições. De Lacan, recolhe a teoria das operações de alienação e separação que instituem o sujeito, para distinguir o que é estrutural no sujeito e o que é próprio no particular de cada neurose. Dessa forma, a aposta do analista na direção do tratamento privilegia a operação de separação como condição de possibilidade de o sujeito sustentar seus atos.

abstract

From Freud, the author collects the assertive that the subject in neurosis seeks psychoanalytical treatment when the capacity to love and to work is lost, which causes several inhibitions. From Lacan, he collects the theory of alienation and separation operations that institute the subject, to distinguish what is structural in the subject and what is peculiar to each neurosis. This way, the analyst's bet in the direction of the treatment privileges the separation operation while condition of possibility of the subject to sustain his actions.